

As mulheres dos olhos d'água: representações identitárias do feminino negro na obra de Conceição Evaristo

Francisca Cibele da Silva Gomes*

1

Resumo

A presente pesquisa possui como objeto de estudo a representatividade das personagens negras nos contos *Olhos D'Água*, *Ana Davenga*, *Duzu-Querença*, *Maria e Quantos Filhos Natalina teve?* escrito pela autora Conceição Evaristo. Nessa conjuntura, tem-se como objetivos geral destacar as subjetividades impelidas pelo protagonismo das mulheres em situação de vulnerabilidade social e violência. A metodologia baseou-se na descrição qualitativa das reflexões das protagonistas sobre o feminino negro aparado nas teorias de Kilomba (2019), Castro (2021), Souza (2021) entre outros autores que compuseram a análise das nuances em que a ficção crítica e social pressupõe acerca da representação das mulheres negras na literatura contista. Portanto, as obras supracitados ampararam-se em uma composição literária que ao mesmo tempo em que destacou as protagonistas negras, também serviu-se do papel de denúncia e crítica social das mazelas presentes no subúrbio brasileiro que afligem, sobretudo, o público feminino, tornando-as retratos da realidade palpável e sentida por milhares de corpos e mentes femininas anônimos e vítimas oprimidas, segregadas social e politicamente nos âmbitos periféricos.

Palavras-chave: Feminino Negro; Resistência; Representatividade; Escrevivências; Colonialidade; Lugar de Fala.

Abstract

The present research has as object of study the representativeness of the black characters in the short stories *Olhos D'Água*, *Ana Davenga*, *Duzu-Querença*, *Maria* and *How many children did Natalina have?* written by the author Conceição Evaristo. In this context, the general objectives are to highlight the subjectivities driven by the protagonism of women in situations of social vulnerability and violence. The methodology was based on the qualitative description of the reflections of the protagonists on the black feminine trimmed in the theories of Kilomba (2019), Castro (2021), Souza (2021) among other authors who composed the analysis of the nuances in which critical and social fiction presuppose about the representation of black women in short story literature. Therefore, the aforementioned works were supported by a literary composition that, while highlighting the black protagonists, also served as a denunciation and social criticism of the ills present in the Brazilian suburbs that afflict, above all, the female public, making -the portraits of the reality palpable and felt by thousands of anonymous female bodies and minds and oppressed victims, socially and politically segregated in peripheral areas.

Keywords: Black Female; Resistance; Representativeness; Escrevivências; Coloniality; Place Of Speech.

* Pós-graduada em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Introdução

No livro *Olhos d'Água*, os leitores deparam-se como choques ainda maiores para com a condição feminina negra no sentido de vê-lo pelo olhar de quem assume não apenas a imposição de ser marginalizada, mas que faz da sua posição social para denunciar e esbofetear metaforicamente a mesma sociedade em que vive e que a objeta, com menosprezo, a invisibilidade e a exploração. São mulheres como as personagens Mãe, Ana Davenga, Duzu-Querença, Maria, Natalina, entre outras tantas vozes femininas gritantes, revoltadas e oprimidas. Cada uma com suas histórias particulares em seus contextos de flagelos, mas que se congregam na voz feminina negra que faz da sua luta a sua força diária para sobreviver, reinventando e ressignificando sua atuação na denúncia de ser negra e não ter visibilidade alguma.

Nesse contexto, o presente artigo possui como objeto de estudo a análise do protagonismo negro feminino na obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo. Fazendo-se como ponto de referência e descrevendo as significações do ser-mulher-negra dentro da literatura contista, especifica-se a atuação dessas mulheres invisíveis, embora existentes na sociedade brasileira, salientar a relação entre a sua vivência cotidiana; subalternizada, e a denúncia esmiuçada nas vozes oprimidas, assim, analisando as reinvenções do protagonismo explicitadas nas entrelinhas das produções literárias. Norteadas pela necessidade em saber como a literatura contista encapsula-se como suporte da revolta e da reivindicação camuflada em um discurso próprio do lugar de falar a tornando-a pressuposta para personificar a formação de olhares externos sobre si; e para consigo, do que significaria ser mulher negra na condição de subalterna.

A metodologia na qual a pesquisa é baseada se dá em um estudo descritivo de cunho qualitativo partindo das expressões simbólicas e significâncias da participação feminina negra no livro contista *Olhos d'Água*, da autora Conceição Evaristo. Nessa conjuntura, abordou-se a representatividade negra, as denúncias e os contextos opressores em que estão inseridas, mas, também nas vozes de insurgências e ressignificações, de vivências opressoras, no sentido da ruptura com o paradigma estereotipado “mulher-negra-oprimida”, ultrapassando essa perspectiva ao atribuir a si o sentido da *revolta* e da *insubordinação*. Atrela-se a essas questões os olhares de autores como: Castro (2021), Fanon (2008), Souza (2021), Kilomba (2019), dentre outros que contribuíram para a fundamentação teórica e análise da participação feminina negra na ficção contista. Sendo os contos analisados: *Olhos d'Água*, *Ana Davenga*, *Duzu-Querença*, *Maria e Quantos filhos Natalina teve?* No entanto, em virtude da dimensão da pesquisa não foi possível contemplar todos os contos que abordam a temática da feminilidade da mulher negra, mas apenas alguns selecionados conforme a relação direta com a violência, opressão e ressignificação a partir da revolta feminina e do não aceitar da condição que foi imposta na conjuntura literária.

Mulheres e negritude: opressão, resistência e ressignificação na literatura contista de Conceição Evaristo

Nasce uma mulher, nasce uma mulher negra. Existe uma distinção aparente, circumspecta, que se apresenta calada, tímida e acanhada, mas na verdade revela-se profundamente violenta e avassaladora. Trata-se de duas existências completamente marcadas pela marginalização e pela violência imposta por uma sociedade ainda supervalorizada masculina, no entanto, a uma dela acrescenta-se a conotação racista, alvejada pela discriminação racial. O que foi acrescentado, embora consciente ou inconscientemente, alicerçou sua condição humana ainda a um patamar de degradação da sua vivência e sobrevivência na sociedade. São marcas de um passado escravagista e segregado; não tão distante, mas ainda fortemente marcado pela impregnação discriminatória omitida de democracia racial ou de paraíso nos trópicos. Mas, para quem seria esse Éden? Para os brancos, ricos e elitizados.

Nesse ínterim, a negritude afro-brasileira apresentou-se não como algo essencialmente de natureza biológica, ela também faz referência a algo mais profundo, mais exatamente a soma de experiências vividas que determinam por definir e caracterizar uma das formas históricas da condição humana. Primeiramente, uma comunidade que é reconhecível pelo que ela é, pelo que já foi; apesar de tudo, se constitui como grupo oprimido, excluído e discriminado, mas que também é uma comunidade de resistência contínua, de luta pela liberdade e indubitável esperança. A Negritude não é uma pretensão conceitual do universo, mas uma maneira de viver a História dentro da História; a partir das experiências seculares, acumuladas e vividas nas culturas. Também não é algo passivo, mas uma atitude proativa e combativa do espírito a partir do despertar da dignidade, rejeição da opressão, luta contra a desigualdade, mas também a revolta contra os preconceitos raciais, os sistemas de hierarquias (CÉSAIRE, 2010, pp.108-109). Logo, “[...] ela teria como sua própria pré-condição, que não é outra coisa senão a explosão de uma identidade por longo tempo reprimida; por vezes negada; e, finalmente, liberada. Enfim liberada, essa identidade se afirma, para ser reconhecida (CÉSAIRE, 2010, p.112).

A professora e escritora Conceição Evaristo, passou sua infância em Perduca, periferia de Belo Horizonte, sua literatura integra-se por suas vivências familiares e as convivências com sua vizinhança. Onde presenciou lutas diárias das mulheres negras. Ingressou na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e posteriormente cursou mestrado e doutorado em Estudos Literários pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Suas primeiras obras publicadas foram contos e poesias na antologia *Cadernos Negros*. Em suas páginas as mulheres negras assumem o protagonismo e carregam consigo a dor, tristeza, cólera e medo expressado após

romper o silêncio secularizado. Sobre as influências da própria autora Conceição Evaristo, narra-se sobre as mãos lavadeiras de sua mãe:

Foram, ainda, essas mãos lavadeiras, com seus sois riscados no chão, com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semi-analfabetas. Foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que não chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. Daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas evidenciavam a nossa pobreza, e distinguiam mais uma de nossas diferenças, em um grupo escolar, que nos 50 recebia a classe média alta belorizontina (EVARISTO, 2005b, p.1-2).

São mulheres anônimas que tomaram voz nas personagens femininas de Conceição Evaristo, cada uma anteriormente vítima numérica em dados estatísticos que também fizeram parte da sua juventude, agora são do conhecimento de todos, mas sobretudo são sensíveis manifestações de denúncias e clamor por mudanças que as considerem parte da cidadania e não apenas pertencentes aos discursos eloquentes de políticos em campanhas ou em leis com pouca ou nenhuma efetividade. Elas precisam que seus silêncios¹ sejam rompidos e suas vozes ouvidas. No caso, das históricas nos contos elas traçaram a partir das suas próprias vivências suas mobilizações contrárias a opressão masculina, a maternidade abusiva, a fome, a miséria e a violência, são frutos do sistema excludente que as marginalizou aos espaços com menos visibilidade sujeito ao preconceito, discriminação e a violação de suas vidas e de suas famílias. Somando-se ainda:

Essa experiência não pode ser compreendida apenas a partir de sua condição de mulher, devendo-se considerar todos os sistemas de poder que afetam sinergicamente suas existências. Implícito ao conceito está a compreensão dos processos degradantes de subjetivação de mulheres, seus recortes de raça, sua ligação com a subalternidade e com a luta de mulheres negras, bem como a formação de mulheres enquanto sujeitos políticos que reivindicam espaços de fala e instâncias de poder (CASTRO, 2021, p.176).

Reforçado pela prerrogativa de uma História feminina impelida e atravessada pela atuação de escritoras e protagonistas da historiografia composta sobretudo por mulheres brancas de classe

¹ O lugar em que as Mulheres Negras estão situadas é interpretado a partir do duplo fenômeno do racismo e do sexismo. A articulação entre esses dois sintomas produzem efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde elas falam põe uma outra visão sob o lugar habitualmente ocupado no imaginário popular. E a mudança ocorre com a emersão desses discursos para além da noção de mulata, doméstica e mãe preta. Essa qualidades utilizadas no sentido depreciativo mesclam-se com a suposta irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. A mulher negra ainda é acrescido os papéis de servente, prostituta e favelada (GONZALES, 1984, p.225-226).

média, deixou cristalizado pela invisibilidade de outras formas de mulheres, geradas pelo atravessamento de relações de poder, produtoras e difusoras de distintas experiências históricas e culturais. Fazendo-se personagem de construções históricas desvinculadas da discussão racial, imersos em discursos coloniais que não pensam na importância da racionalização das relações intra e intergêneros, marcado pelo viés eurocêntrico e pela branquitude (CASTRO, 2021, p.174). Essas marcas deixaram nas memórias de Conceição Evaristo:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere ‘as normas cultas’ da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como história para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (EVARISTO, 2005b, p.2-3).

A literatura elucidada nas obras de Conceição Evaristo tornara-se nacionalmente conhecidas por serem a voz da denúncia, mas, também de rompimento com os estereótipos proclamados em torno da mulher negra brasileira e do que é ser negro na contemporaneidade. O Brasil real não é um paraíso nos trópicos para a diversidade e a igualdade, pelo contrário esconde nas barras do silenciamento todo um contexto opressor e condizente com a propagação engessada do racismo em sua forma estrutural que corrompe a sociedade trazendo a desigualdade social, marginalização, violência e opressão escondidos através de rostos felizes brancos e elitizados. Os mundos criados nos enredos de Evaristo foram interpretações de suas próprias sensibilidades acerca da negritude, sobretudo da revolta, ressignificação afro-brasileira mediante as paradigmas e estereótipos construídos ao seu entorno, para além dos silêncios e tabus que ainda perpassam a sua expressividade contemporânea. Nessa conjuntura, pode-se interpretar que:

A literatura ‘subalterna’ de Conceição Evaristo revela como os indivíduos marginalizados pela sociedade hegemônica ainda são vítimas de violências físicas e simbólicas, mas também presta um serviço à comunidade afrodescendente, denunciando os crimes cometidos contra o povo negro e pobre. A periferia e seus afluentes servem de cenário, o racismo aparece como antagonista, a negritude como protagonista e a ascensão das minorias insurge como fio condutor da narrativa. Evaristo denuncia o ciclo perverso do poder que aprisiona a mulher negra à sua história por meio de uma escrita de resistência, politizada e afirmativa (AZEVEDO; MELO, 2017, p.110).

Nesse caso, calar as vozes negras permite interceder pela manutenção dos privilégios e a qualificação da existência das causas femininas padronizadas com problemas generalizantes para todas sem considerar a heterogeneidade dos contextos e entre textos, portanto, “o problema dessa

pseudoinclusão é que ela deixou de fora dados centrais de análise para uma efetiva compreensão da mulher na história de sociedades diaspóricas: a raça e a classe construídas pelo viés da tradição escravocrata e moldadas pela força implacável do colonialismo” (CASTRO, 2021, p.174-175). Essa questão:

[...] liga-se diretamente à importância de estabelecer uma vinculação entre pesquisas historiográficas acerca de mulheres negras e à necessidade de as lermos como corpos diaspóricos, oriundos de um processo que marca a forçada introdução da população negra na sociedade brasileira, colocando frente dois mundos numa hierarquização marcada pelo poder, pela violência e pela subjugação. Além disso, traz à tona a necessidade de compreender que é também da diáspora que nascem as matrizes de construção de subjetividades sobre os quais se ergueram as estratégias de aglutinação e resistência de mulheres negras ao longo da nossa história, tendo como eixo condutor as águas do Atlântico. Essa atlanticidade é aqui definida como um processo de constituição de existência forjado a partir de uma quadruplicidade basilar: tradição escravocrata, constituição identitária, exploração colonial e construção dos racismos. Oportuniza-se, assim, a possibilidade de olhar essas mulheres através de uma perspectiva delineada pela forma como suas memórias estão associadas a uma rede que lhes é anterior (CASTRO, 2021, p.175).

Nessa conjuntura, as personagens femininas apresentadas no enredo dos contos falam por si mesmas a respeito de seus algozes, problemas e inquietações. Com imperativos categoricamente autônomos fazem uso de suas interpretações para consigo e a realidade ao seu entorno ao denunciar e desnudar os seus contextos opressores, fazendo uso da raiva, luta e resistência e do direito de enraivar-se para gritar ao mundo que sua existência não é neutra ou nula, mas visível e partilhada por diversas mulheres negras e periféricas na sociedade brasileira. Logo, a representação feminina negra também simboliza:

Se mulher é um objeto múltiplo, situá-las nas colisões que a atropelam faz-se essencial para compreender que vetores de exclusão recaem sobre ela, analisando ao mesmo tempo como é feita a distribuição de poder na sociotemporalidade em que ela se insere, como também para pensar quais construções discursivas são feitas sobre ela, quem as produz, e se e como essas mulheres são afetadas pela marginalização econômica e racial. (CASTRO, 2021, p.182).

A hierarquia de poder revela uma imagem deturpada da mulher negra. Onde mata-se no sentido do apagamento e o silenciamento da mulher negra no discurso literário como alguém perigoso, portanto, deve ser afastado ou repudiado. Aparece descaracterizada da humanidade ao ser associada ao animalesco, grotesco e marginal, fruto da sexualidade pernicioso e pecaminoso. No entanto, quando pensa-se em uma literatura libertária pressupõem no sentido da emancipação e da visibilidade as personagens anteriormente silenciadas. Foram ainda “alijadas e empurradas para as margens, permaneceram no limbo ou encarceradas pelas leituras estereotipadas, até que assumissem o legado de escrever sua própria história, desenvolvendo uma epistemologia que desse

conta da multiplicidade de suas trajetórias” (CASTRO, 2021, pp.177-178). Nesse contexto, vislumbra os papéis femininos negros pressupõem beber de uma literatura onde:

[...]as personagens femininas negras sempre desgarradas de seu núcleo de parentesco, é preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas de cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo. Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma *auto-representação*. Criam, então, uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do ‘outro’ como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscrever no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (EVARISTO, 2005a, p.54, grifos do autor).

No âmbito literário, a expressividade das personagens femininas negras estaria próximo ao seu próprio discernimento de emancipação e resistência no cotidiano, isto é, essa visão de mundo estaria em comunhão com o caráter emancipador da mulher que assume a família em termos econômicos, trabalha para si e para os demais indivíduos sob sua tutela e dependência, mas também estaria relacionado a mulher-mãe protetora e maternal. Como heroínas em seu cotidiano. Nesse contexto, são personas que se descrevem, falam de si mesmas no sentido de impor sua valentia e independência como mecanismo para resistir a opressão e violência cotidiana. Inscritas em um movimento desenvolvido para dar voz às mulheres negras oprimidas e silenciadas que nascem e morrem sem serem vistas como pessoas, mas ainda impregnadas pelo estereótipo da submissão e menosprezo. Tomam o seu lugar de fala² para denunciar seus sofrimentos e algozes, inconsciente ou conscientemente, são mobilizadoras da raiva e da revolta para sobrepujar-se ao medo, silêncio e submissão. O discurso literário afro-brasileiro pretende romper com o protagonismo exacerbado branco nas narrativas, mas também vai além disso, busca desconstruir papéis passivos ou subjugados que foram atribuídos as mulheres, homens e crianças negros a partir das histórias

² Pensar no Lugar de Fala significa romper com a lógica de dominação que impõem as subalternizados a não expressão das suas vivências sob seus próprios pontos de vistas como se não fossem corporificados, marcados e deslegitimados pela norma colonizadora. Configura-se com um movimento no sentido de romper com a hierarquia engessada social e culturalmente (RIBEIRO, 2021, p.89-90).

literárias engessadas nos seus próprios pontos de vistas, seus contextos e ressignificações identitárias.

Nesse mundo ficcional mergulhou-se no curso das memórias das mulheres protagonistas que sufocavam sob sua condição de mulher negra construindo suas próprias insurreições, manifestações e gritos para romper com o silenciamento imposto pela marginalização e subalternização. O livro *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, congrega as histórias que narram infâncias, juventudes e velhices marcadas pela vivência do sofrimento causadas pela fome, pobreza e miséria regadas pela desigualdade ao qual estão submergidos. Os olhos que sangram e choram são pela memória triste que não termina ou pode ser esquecida, mas continua sendo lembrada e revivida a cada tempo ou a cada geração.

A revolta seria a raiva pela sua condição social, mas também seria o mecanismo para romper com a lógica que impõe o medo, a violência e a discriminação como sendo natural, próprio de cada um ou aceito porque sempre foi assim. Logo, “resistir é manter-se de pé, cravar-se num espaço; seja tangível ou ficcional. E, em verdade, não há bem uma fronteira demarcada entre o tangível e o ficcional, eles se misturam, se confundem” (MELO; GODOY, 2016, p.31). A Voz de Evaristo engendra-se na produção de subjetividades através de processo singularizados de formação dos seus personagens, contexto, subjeções e narrações pessoais, não são apenas o grito das mulheres negras, mas dos homens negros, pobres, homossexuais, e membros da exclusão social, aqueles mal visto como parte da sociedade por não partilharem dos mesmos pressupostos predominantes (MELO; GODOY, 2016, p.31).

Nessa conjuntura, o campo literário transforma-se em um pressuposto e subterfúgio para a justiça social assim como para a revolta e a crítica sobretudo na denúncia dos algozes que impõem violências e condenações em razão de características fenotípicas. A periferia serve de cenário para repudiar as consequências do racismo, da subalternidade e da discrepância social através do protagonismo daqueles que tiveram e ainda possuem suas vozes silenciadas e isoladas nas margens da sociedade. A perversão desse sistema isolador e pernicioso permite criar lacunas interpretativas que tendem a menosprezar a população negra a patamares desumanos. Para tanto, Conceição Evaristo faz uso de sua composição linguística para denunciar através de suas próprias personagens femininas negras os seus contextos, preconceitos, medos e ressignificação da opressão sofrida através da força e da significância de seu cotidiano.

Nessa conjuntura, as personagens femininas de Evaristo assumem para si o papel no rompimento com o silêncio através da transgressão. Elas quebram as perspectivas representadas e associadas às mulheres negras como estando associada a dominação masculina ou a inferioridade. A literata brasileira traça situações comuns do cotidiano para representar a crítica de denúncia a

condição histórica e socialmente predeterminadas ao público feminino negro. Esse revir linguístico e literato parte da prerrogativa em que são vidas invisíveis, embora plenamente existentes construídas pelo preconceito e discriminação herdados pela hegemonia colonial masculina que impregnou em uma supervalorização de um papel feminino branco e elitizado. Ao colocar os olhos com marca para o sofrimento, choro, mas também expressão do sentimentalismo, da esperança e da revolta, onde o principal contexto de flagelamento torna-se a marca para ressignificar a experiência sensorial e corpórea em ser uma mulher negra (SOUZA, 2020, p.141). Nessa conjuntura, pensar sobre a História das mulheres também pressupõe refletir sobre a:

[...] desumanização oriunda da tradição escravocrata emana o silenciamento lacrado, marcado pelas políticas de negação que transformaram a questão da escravidão num tabu; das cozinhas ainda timidamente chega às salas, bem como demonstra a timidez das discursões acerca de seus efeitos sobre homens e mulheres. Inegável é que essa historicidade afetou sobremaneira as existências desses sujeitos, fazendo com que a constituição identitária se tornasse um capítulo complexo na escrita da história das mulheres negras. Defendo que a ratificação dessa desumanização na historiografia esteja vinculada ao fato de que mulheres negras não foram lidas como mulheres até que começassem a escrever suas próprias histórias. A começar pela própria conceituação do feminino em si excludente ao se conformar a definir exclusivamente mulheres brancas heterossexuais, obrigando a adjetivações várias. Dessa maneira, de formas periféricas, abriga mediante intermináveis reivindicações a inserção no feminino de outras formas: mulher negra, mulher indígena, mulher latina, só para exemplificar a longa lista das que ficam de fora. Nomear-se mulher para mulheres negras é um território em disputa por tangenciar o espaço tenso de uma identidade colonialmente inventada: a da mulher branca, essa sim pensada como modelo desde a gênese da História das Mulheres. (CASTRO, 2021, p.175-176).

A constituição de um padrão feminino excludente permitiu não somente a perpetuação de um legado de apagamento na História das Mulheres, mas sobretudo comungou com a formação de uma historiografia do silêncio, onde mulheres negras, latinas, indígenas passaram a serem pouco vistas ou não inseridas no campo da escrita da História por circunstâncias que desconsideravam a sua existência. Pois, eram vistas como não correspondentes a padronização almeja ou por não serem visualizadas como dignas de tamanha representativa. Trata-se mais uma vez de apropriar-se do discurso visto sob a perspectiva da formação cultural elitizada ou cedente apenas ao público feminino branco e classista. Nessa conjuntura, quando apropriada o silenciamento permite excluir os olhares próprios daquelas que estão na condição de marginalização, inferiorização e violência em lugares sociais inabitável pela elite branca e abastada, “é importante frisar que, sendo Conceição uma mulher negra, cuja origem remete às favelas, tendo sua trajetória similar às personagens, isso reflete diretamente em sua obra” (SOUZA, 2020, p.145). Sobre essa questão Conceição Evaristo também expõem suas percepções:

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. [...] Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto-afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra. E retomando a imagem da escrita diferencial de minha mãe, que surge marcada por um comprometimento de traços e corpo, (o dela e nossos) e ainda a um de diário escrito por ela, volto ao gesto em que ela escrevia o sol na terra e imponho a mim mesma uma pergunta. O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida (EVARISTO, 2005b, p.2).

Pensar na questão racial também implica no mundo literário de Conceição Evaristo ver a vida sob os olhares da ressignificação a partir do cotidiano opressor de mulher negra advinda da periferia. Aplacada pelos estigmas sociais que a definiam como inferior ou desprivilegiada pelo seu fenótipo, a autora fez-se de si mesma e de sua jornada acadêmica um ensaio crítico, ou melhor, um chamado, um despertar para denunciar uma sociedade composta por corpos acostumados com a injustiça como sendo algo natural, vista distante quando não sentida na pele, na fome e na vida. É preciso compreender a construção do espaço social que o cerca para além do conformismo por vezes consciente ou inconscientemente impelido da existência humana quando não nascida em uma classe abastada. Para a autora, o que leva uma mulher negra a transpassar a passividade da leitura para adentrar na escrita é o desejo em romper com racismo e sexismo que são impostos e dificultam sua inserção na literatura brasileira enquanto autora ou personagem protagonistas das narrativas.

As mulheres representadas nos seus enredos literários de Conceição Evaristo constituem-se personagens para além do campo ficcional, pois manifestam em suas conjunturas sociais a composição classistas do público feminino que vive nas periferias brasileiras e constituem-se oprimidos e marginalizados a mercê da fome, miséria, violência, discriminação e menosprezo social, mas também são pessoas que cotidianamente erguessem para enfrentar seus intemperes não porque estejam acostumados ou porque constitui-se algo normal em suas vidas, visto que não é o “costume” ou habitual que prevalece, mas a força da imposição disfarçada de normalidade que os tornou marginalizados e sobretudo exploradas pelas camadas abastadas da sociedade. Esta mesma que diz não ser racista é a mesma que alimenta a desigualdade nas periferias brasileiras.

Portanto, romper com silêncio e invisibilidade impostos às mulheres negras significa tornar-se o grito de denúncia que escandaliza o que deve ser escandalizado, rompem com barreiras, destrói preconceitos, sobretudo quando trata de questões que envolvem gênero e raça. Nessa conjuntura,

Conceição Evaristo tornou-se a irmã, a mãe e a filha de diversas brasileiras silenciadas nos subúrbios que trabalham e sustentam sua família e suas vidas com seu próprio suor, que passam fome, sofrem dores para o qual não possuem remédios e não conhecem outro caminho que não seja o mesmo transpassados nas gerações anteriores, isto é, a pobreza e a violência. Mas não é apenas os males que as constituem no seu cotidiano, pois a força e a coragem são marcas de mulheres que ressignificam suas opressões, transformam-se a si mesmo e sua realidade através da resistência, da revolta e da raiva. São vozes femininas cansadas do sofrimento e que se revoltam por si e por todos que estão sendo marginalizados. É o grito desafiador de Conceição Evaristo, mas também de suas personagens Mãe, Duzu-Querença, Maria, Ana Davenga, Natalina, entre outras, que expuseram suas histórias através dos seus olhos d'água que emanam justiça e igualdade.

Marias da resistência no suplício contemporâneo: representações do feminino negro na obra Olhos D'Água, de Conceição Evaristo

As mulheres negras dos olhos d'água, são representações femininas reais que mesclam-se com a ficção, são elas que sangram e resistem cotidianamente para sobreviverem em uma sociedade que as oprime por serem mulheres e negras. Essa expressividade linguística acentua-se quando colocada em um patamar inocuado anteriormente na condição de protagonistas em textos literatos ficcionais, geralmente ocupavam papéis subalternizados em meio as suas dores, quase invisíveis ou no papel coadjuvante, quase inexpressivos. Nos mundos criados por Conceição Evaristo, esse paradigma rompe-se violentamente para dar espaço às sensações, emoções e vivências do ser-mulher-negra em um mundo marginalizado.

As imagens construídas sobre as mulheres negras na literatura brasileira apresenta-se demarcada negativamente pelo sentido do corpo-objeto próprio da submissão ou da supervalorização sexual explorada ou marginalizada, ou quando não invisível, a representação coexistiu com a ideologia patriarcal que sintetiza um padrão feminino branco e elitizado porventura excluindo as representações femininas negras com base na percepção ideológica que punha os sujeitos considerados inferiores sob o julgo da dominação e exploração. Esse pensamento contribuiu para justificar não apenas a desigualdade étnico-racial, mas também para justificar o domínio do homem em relação a mulher, nesse caso o público feminino foi dotado de uma corporificação simbólica que definia no corpo e na mente o sentido da inferioridade relacionando-a ao pecado, a provocação sexual, a sexualidade promíscua quando não controlada (PALMEIRA, 2010, p.4).

As representações em torno das mulheres negras beiravam a perplexidade da corporificação humana no sentido da inferiorização para além de serem vistas como invisíveis ganham o atributo

de corpo sexualizado e coisifica, sobretudo aquelas que ocupavam os espaços periféricos e não partilhavam da riqueza elitizada. Nessa conjuntura sufocante, Conceição Evaristo nasceu e cresceu vendo essas tramitações desiguais entre sujeitos dentro da sociedade marginalizada. Transfigurar essas imagens representou expor aquilo que não deseja ser visto ou era apenas escondido por tratar-se de pessoas excluídas do campo social pela sua vivência na periferia, mas sobremaneira pelo fator fenotípico. Essa questão não é apenas um traço contemporâneo, pois perpassa-se pela própria condição de escravidão, a mulher negra no cativo escravo, “[...] além de desempenhar os diversos trabalhos forçados e ser vítimas da violência sexual imposta ao homem escravo, tinha a particularidade de possibilitar a reprodução biológica. Por isso, era forçada a trabalhar como ama de leite e a gestar filhos para o mercado escravo” (PALMEIRA, 2010, p.4).

Nesse contexto, compreender os vetores sociais que a interpelam faz como que possam visualizar o seu protagonismo social e o seu lugar de fala de acordo com os olhares subjetivos expressos de suas vivências, medos, anseios, raivas e revoltas, não se trata de um olhar platonicamente idealizado, mas configurado e ressignificado sob a interpretação das mulheres negras situadas nos âmbitos periféricos que vivenciam suas rotinas de trabalho e sobrevivências. Para elas também foi impelido imposições sobre a expressão de seus corpos, cabelos, mentes e gostos pessoais, o sentimento de pertencimento e identidade foi aquinhado quando diferia da padronização branca, portanto tiveram seus cabelos alisados na infância, os seus corpos além de serem sexualizados, foram marcados como desproporcional ao padrão branco.

As mulheres negras quando não silenciadas³, passaram a serem esquecidas propositalmente em espaços marginalizados como na cozinhas como empregadas domésticas, nas pias dos lavatórios de roupas, nas suas próprias casas sob o julgo de um cônjuge opressor, entre outros âmbitos impostos pela condição social e racial ainda na contemporaneidade, mas também pouco ainda é retratado sobre suas resistências, ressignificações e defesa das suas representatividades identitárias. Revelando mais uma vez o contexto de sufocamento expressivo e de apagamento das suas identidades e formações históricas e culturais aparado na percepção “[...]é a representação da

³ O silenciamento imposto as mulheres negras pode ser representada analogamente pela máscara colocada na face dos escravos para impedir que pudessem falar ou se alimentar, isto é, uma peça concreta ou um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial que perdurou por quase 300 anos e que mantinha os cativos negros calados e violentados no silêncio das senzalas ou locais quaisquer de uma fazenda escravagista ou local de exploração. Era um suporte instalado entre a língua e o maxilar fixado para detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e testa. A máscara do silenciamento no sentido análogo, seria o silêncio e a quietude como resultados da apropriação forçada de um sentimento e um posicionamento impregnado pelo racismo e da violência racial. (KILOMBA, 2019, p.33). Pensando no sentido contemporâneo, o equipamento implantava um sendo da mudez e pavor forçado, mas também simbolizava as políticas sádicas de conquista e dominação amparadas pelo silenciamento do oprimido, onde a boca é um instrumento de opressão e enunciação do racismo, pois trata-se de um órgão capaz de expressar a verdade ou a falsidade desfaçada de mentira (KILOMBA, 2019, p.34).

mulher negra como alguém desprovida de capacidade intelectual ou com capacidade intelectual inferior” (PALMEIRA, 2010, p.8).

A escrita e a leitura proporcionaram para a escritora Conceição Evaristo adentrar em mundos distintos, mas sobretudo criá-los a partir da sua própria noção de existência e vivência cotidiana. Em seus olhares literários adquiriu-se uma conotação de revolta e ressignificação no sentido do incômodo pela sua condição social impregnada pelo racismo, mas também pela necessidade em incomodar aqueles que insistiam em manter-se aquém das mazelas da sociedade e também tinha como princípio o tom da firmeza eloquente no questionamento das desigualdades perpassadas nas entrelinhas das suas narrativas ficcionais. Cansada de deparar-se com uma realidade opressora passou a ser voz de denúncia para aqueles que possuíam vozes silenciadas ou cerceadas e que não eram vistos ou não se queria vê-los. Traçando suas histórias fictícias interpeladas pela realidade palpável e sentida por milhares de mulheres negras viventes e protagonistas em seus contextos de contestação e rompimento com a inferiorização e marginalização ao ressignificar sua atuação para além aquilo imposto social ou rompendo totalmente a perspectiva estereotipada construído em torno do feminino negro nos ambos periféricos.

A linguagem quando utilizada para fins libertários congrega em si o poder de gritar em meio ao silêncio e causar raiva ou desgosto, mas também possui o poder de denunciar as dores e injustiças. Esse descontentamento parte daqueles que se incomodam, mas também revela que trata-se de um perfil que prefere a sua condição de privilégio conforme suas necessidades, mas mantém-se distante dos sofrimentos alheios. Não se trata de um discurso banal ou simplista, mas revoltado com a cotidianidade opressora. A literatura trata-se de um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica dos sentidos mais intrínsecos ou daqueles expelidos na sociedade. No caso da mulher negra, apresenta-se com um discurso acalentado pela indiferença ou negação da sua influência e participação. Somando-se a representação afro-brasileira feminina ancorada na visão do passado escravista, do corpo erótico ou objeto de prazer do homem branco ou negro (EVARISTO, 2005a, p.52).

No entanto, a literatura feminina negra vem destrinchando esses paradigmas que ainda persistem em deformar a representatividade das mulheres negras no Brasil, fazendo uso de suas próprias vivências, contestando papéis existentes e reelaborando imagens deturpadas. Ao fazerem isso as mulheres reinventam a identidade imposta, principalmente no que tange ao gênero e a raça uma vez que o discurso literário passa a ser composto por construções de si mesmo e da sua interpretação acerca do mundo ao seu redor ao discutir, questionar, refutar e explicitar as representações estéticas e performáticas da mulher negra brasileira. Esse discurso opressor está presente nas entrelinhas das histórias que enredam as personagens femininas proferido no livro

Olhos d'Água, de Conceição Evaristo, ressaltam a dura existência de milhões de mulheres negras nos subúrbios através dos olhares da personagem Filha:

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignoravam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Estávamos deitadas no chão e batíamos a cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía (EVARISTO, 2016, p.16-17).

A busca pela cor dos olhos de sua mãe revela um passado tristonho marcado pela fome, resistência e desigualdade, mas também aponta através da ludicidade infantil detalhes de suas vivências permeadas pelo encantamento dos problemas diários com a alegria do faz-de-conta. A Rainha era a mulher periférica que vivia como podia sem saber da certeza do amanhã e dedicava seus dias ao sustento das filhas, mas quando não tinha algo inventava uma brincadeira, uma história imaginada para enfeitar os dias enclausurantes e ludibriar as dores e os choros com sorrisos molhados cheios de esperança. Eram ainda uma visão para o qual a Filha confundia-se: “[...] eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva...Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, Chorava! Chorava, chovia! [...]” (EVARISTO, 2016, p.17-18).

No entanto, a violência soma-se em contexto de vulnerabilidade social causando ainda mais precarização da vida humana. Nessa conjuntura, tapas, ameaças, violentação, feminicídios, são alguns exemplos não irrealistas, mas paulatinamente tangíveis colonizados nas entranhas do mundo subjugado e marginalizado. Como elemento constituinte da colonização⁴ imposta pelos padrões de

⁴ A transposição dos corpos diaspóricos no sentido da performance do êxodo forçado aos trópicos forma-se a partir da impregnação pela violência e pela desumanização da população africana impelida ao trabalho braçal escravagista, assim como somando-se a construção de estratégias subjetivas de reverberar esse contexto com ressignificação da identidade pós-díspora. Nessa conjuntura, excluir esses mecanismos também implicar rechaça-se o sentido da escravidão apenas pelos olhares brancos e elitizados, excluindo a riqueza de implicações subjetivas das reformulações da escravidão e sobretudo dos mecanismos para reformar essa conjuntura. Logo, “isso envolve investigar como se

poder. A ideia das diferenças dentro do contexto das desigualdades sociais sustenta-se também na noção de conquistadores e conquistados no preâmbulo da raça, adjunta do controle do trabalho, dos recursos, dos produtos, do capital, nas relações sociais e do mercado, associados ainda a concepção de hierarquia, lugares e papéis atuam como consequência da imposição de padrões (QUIJANO, 2005, p.107). Percebe-se claramente essa imposição no conto *Ana Davenga*, de Conceição Evaristo:

Os homens rodearam Ana com cuidado, e as mulheres também. Era preciso cuidado. Davenga era bom. Tinha um coração de Deus, mas, invocado, era o próprio diabo. Todos haviam aprendido a olhar Ana Davenga. Olhavam a mulher buscando não perceber a vida e as delícias que explodiam por todo o seu corpo. O barraco de Davenga era uma espécie de quartel-geral, e ele era o chefe. Ali se decidia tudo. No princípio, os companheiros de Davenga olharam Ana com ciúme, cobiça e desconfiança. O homem morava sozinho. Ali aramava e confabulava com os outros as proezas. E de repente, sem consultar os companheiros, mete ali dentro uma mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local de quartel-geral, mas não tiveram coragem. Depois de certo tempo, Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele, entretanto, queria dizer mais outra coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado. Os amigos entenderam. E quando o desejo afluía ao vislumbrar os peitos-maçãs salientes da mulher, algo como uma dor profunda doía nas partes de baixo deles (EVARISTO, 2016, p.22).

A conjuntura literária contista ensaia em seu contexto a realidade palpável de uma mulher que mora no subúrbio brasileiro sufocada pelas desigualdades sociais e raciais que delimitam sua escolaridade, o emprego informal ou desemprego, pobreza, violência, submissão masculina, o medo em não poder se sustentar, mas sobretudo a esperança de um futuro melhor nas mãos de um homem que possa lhe guardar amorosamente. O amor romântico desnuda-se pela real situação de marginalização sustentada na passividade e na subserviência que um sujeito masculino líder possa querer de uma mulher, embora deixe claro sua real situação quando rompe o muro definido por ele mesmo para o relacionamento amoroso, a exemplo do caso de sua companheira anterior Maria Agonia que a se recusar a morar com ele e abandonar sua vida anterior para seguir o romance clandestino, foi silenciada: “dias depois, a seguinte manchete aparecia nos jornais: ‘Filha de pastor aparece nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do corpo uma Bíblia. A moça cultivava o hábito de visitar os presídios para levar a palavra de Deus’” (EVARISTO, 2016, p.28). Percebe-se que essa atenção a sua amada também significava uma relação profunda com suas raízes:

constroem os discursos que organizam e validam as opressões e articulam subalternidades, bem como de que forma as vozes subalternas constroem contranarrativas a partir desses discursos” (CASTRO, 2021, p.182).

Era preciso coragem para chegar a uma mulher. Mais coragem até do que para fazer um serviço. Aproximou-se e convidou-a para uma cerveja. Ela agradeceu. Estava com sede, queria água e deu-lhe um sorriso mais profundo ainda. Davenga se emocionou. Lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. daquelas mulheres todas que ele não via fazia muitos anos, desde que começará a varar o mundo. Seria tão bom se aquela mulher quisesse ficar com ele, morar com ele, ser dele na vida dele. Mas como? Ele queria uma mulher, uma só. Estava cansado de não ter pouco certo. E a mulher que lhe lembrava a bailarina nua havia mexido com ele, com alguma coisa lá dentro dele. Ela lhe trouxera saudade de um tempo paz, um tempo criança, um tempo Minas. Ia tentar... Ana, a bailarina de suas lembranças, bebeu água enquanto Davenga enamorado tomava a cerveja, sem sentir o gosto do líquido. Quando terminou, pegou na mão da mulher e saiu (EVARISTO, 2016, p.25-26).

O amor devocional de Davenga estava associado a sua vida passada, aquela anterior ao trabalho ilícito no seio do lar maternal adjunto de mulheres que foram expressivas em sua vida, causava-lhe saudades e tristezas, mas também felicidade em poder ter encontrado uma mulher que fosse unicamente sua, como um ser em sua posse. No entanto, ela aceitou de bom grado a vivência em sua companhia em seu amor, mesmo sabendo das limitações impostas, pois era um misto “[...] tão doce, tão gozo, tão dor!” (EVARISTO, 2016, p.23). Mas também somava-se à nova vida que adquiriu onde “Não perguntou de que o homem vivia”. Ele trazia sempre dinheiro e coisas. Nos tempos em que ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe traziam o sustento” (EVARISTO, 2016, p.26). No mundo periférico, a vida adulta inicia-se cedo, sobretudo em prol da sobrevivência:

De cabeça baixa, sem encarar os dois policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gesto se ouviram muitos tiros. Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que trazia na barriga. Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem, na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria (EVARISTO, 2016, p.26).

A morte de um homem e uma mulher vistos como pertencentes ao mundo do trabalho ilícito não significou absolutamente nada, pois foi visto como mais um caso em meio a tantos outros que revelam a mortalidade por intermédio de armas, sobretudo aquelas disparadas pela polícia. A esperança de uma vida nova que carrega na gestação uterina sucumbiu juntamente com a alegria do seu primeiro aniversário comemorado em festa e não em pranto de dor e tristeza. Mesmo assim, sua amada sentia orgulho ainda viva em possuir seu nome como parte de si também: “[...] Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome” (EVARISTO, 2016, p.26-27).

Fazendo uso de uma análise mais aprofundada dessa conjuntura, percebe que as relações de marginalizações sociais inculcada no âmbito das periferias brasileira também justifica-se pela concepção de raça como uma maneira de legitimar relações de dominação impostas por aqueles que são considerados superiores, transformando em um eficiente e durável instrumento de dominação social universal no campo intersexual e de gênero, as camadas subalternizadas são vista como inferiores e conseqüentemente seus próprios traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Também configurou-se em um critério para a distribuição da população nos níveis, papéis, lugares e estrutura de poder (QUIJANO, 2005, p.107). Essa marginalização forçada impõe pela estrutura racista expressou-se no cotidiano nos ambientes literário de Conceição Evaristo como na condição de vida da personagem Duzu, presente no conto *Duzu-Querença*.

Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e por que parar. Dona Esmeraldina arrumou um quarto para Duzu, que passou a receber homens também a receber homens também. Criou fregueses e fama. Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade. Todos os filhos tiveram filhos. Nunca menos que dois. Dentre os seus netos três marcavam assento maior em seu coração. Três netos lhe abrandavam os dias. Angélico, que chorava porque não gostava de ser homem. Queria ser guarda penitenciária para poder dar fuga ao pai. Tático, que não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido... (EVARISTO, 2016, p.34).

A personagem tinha acabado de ser descoberta em seu ofício silencioso e ilegal aos olhos da cafetina D. Esmeraldina, ao ganhar dinheiro nos quartos de seu estabelecimento sem seu consentimento. A partir de então, Duzu deu-se conta do que estava fazendo, do seu novo trabalho e das ocupações das outras mulheres que entravam e saíam dos quartos. Viu também o distanciamento dos pais, o desvairar do sonho de estudar, as promessas que não puderam ser cumpridas de um dia ser uma menina letrada, pois seu pai sempre falava que ela “[...] tinha cabeça para leitura” (EVARISTO, 2016, p.33), mas nunca foi possível esse sonho vir a ser realidade. Os seus filhos foram muitos e espalharam-se pelos morros e periferias, os netos nunca menos que dois, dentre eles tinham os seus preferidos: o jovem Angélico, que detestava ser homem e sonhava em salvar o seu pai da prisão, o menino Tático, que não queria ser nada e a menina Querença, que tinha todos os sonhos de esperança daqueles mesmos familiares que viveram antes dela, incluindo

sua avó. Quando perdeu sua avó para a morte, Querença acalentou seu coração com a imagem do sonho e da imaginação como meio para ressignificar a realidade:

Menina Querença, quando soube da passagem da avó Duzu, tinha acabado de chegar da escola. Subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem conhecia e de quem só ouvira contar as histórias. Buscou na memória os nomes de alguns. Alafaia, Kiliã, Bambene... Escutou os assobios do primo Tático lá fora chamando por ela. Sorriu pesarosa, havia uns três meses que ele também tinha ido... Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo. Avó Duzu havia ensinado para ela a brincadeira das asas, do voo. E agora estava ali deitada nas escadarias da igreja. E foi no delírio da avó, na forma de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias. Querença olhou novamente o corpo magro e a fantasia da avó. Desviou o olhar e entre lágrimas contemplou a rua. O sol passado de meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro – lixo talvez – brilhavam no chão (EVARISTO, 2016, p.36-37).

O sonhar simbolizava a necessidade de mudança, especialmente tornou-se sinônimo de esperança, mas também expôs a luz do protagonismo figuras femininas que exalavam opressão e desigualdade social nas regiões periféricas do Brasil. A menina Querença esperava em seus dias que as asas e o voo que sua avó havia lhe ensinado fosse porta voz da sua atuação social. A jovem buscava através da mobilização política aspirar sonhos em que melhores dias virão com novas oportunidades de sobrevivência a partir da dignidade humana. Com apenas 13 anos, já sabia o valor da vida e da morte, sabia que sua avó usou da fantasia para fugir das suas dores e sofrimentos diários, sabia que poderia imaginar novos mundos e lutar para dar vida à imaginação. Os olhos d'água novamente surgem como sinônimo de tristeza, mas também de força e coragem herdados de Duzu, sua matriarca que “havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real” (EVARISTO, 2016, p.35).

Nessa conjuntura, a raça constitui-se social e historicamente um dos critérios mais relevantes na distribuição de pessoas na hierarquia estrutural da sociedade, em outras palavras, relaciona-se com a reprodução das classes sociais, marginalizações e opressões refletindo na “[...]desigual distribuição geográfica de brancos e negros e as práticas racistas do grupo racial dominante” (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p.90). Transforma-se em mecanismos sociais que obstruem a mobilização da população negra e ainda associam-lhe a uma autoimagem preconceituosa e corruptível, enfocando de acordo com o grupo racial dominante impõe e define como “lugares apropriados” às pessoas negras. Logo, a disparidade da distribuição de renda

também constitui-se reflexo da qualificação educacional, empregos, dentre outros fatores relacionados as relações entre brancos e negros no país. (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p.91).

No conto *Maria*, a autora Conceição Evaristo traçou o enredo de uma das personagens mais emblemáticas de suas histórias que fatalmente foi morta apenas por ser negra e pobre com seu osso de pernil, sua frutas adquiridas por doação na casa onde trabalhava como empregada doméstica e sua gorjeta que dava para comprar remédio para os seus filhos doentes e um lata de *Toddy* para o consola da fome das crianças e um corte na mão feito com faca a laser que cortava até a vida. Ela havia encontrado seu amor e pai do seu primeiro filho no ônibus na volta para casa, no entanto, foi um encontro de dor, saudade, alegria e sofrimento, ela havia lembrado de como amava-o e como a vida estava difícil. Entre lembranças e conversas, o homem havia dito que mandava um beijo, um abraço e um carinho no filho que a tempos não via e com o sorriso triste terminou sua fala e deu voz de assalto no ônibus (EVARISTO, 2016, p.40-41). Em seguida, Maria ficou atordoada “Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros assaltantes?” (EVARISTO, 2016, p.41). Após o assalto a situação agravou-se ao ponto de ser confundida com os criminosos:

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vindo lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei por quê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz, que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. [...] Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha! ...Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria (EVARISTO, 2016, p.41-42).

A confusão em torno de quem era Maria não parece algo completamente ficcional, mas algo assistido com uma frequência absurda nos telejornais, nas mídias sociais digitais, em conversas informais sobre vítimas de homicídios frutos da violência contra pessoas negras, pobres e marginalizadas. Esse retrato real da sociedade brasileira permitiu que Marias e outras tantas Marias e sujeitos anônimos sejam atormentados por mortes violentas pela tirania humana. Nesse contexto, o termo “puta”, “safada” e “negra” são caracterizações destacáveis do trecho literário pelo seu

caráter racial, social e intergênero em atribuir a uma mulher negra pela sua existência em uma situação trágica atributos que pretendiam minimizar sua representação, tornando-a submissa e inferiorizada com ofensas expelidas pelo caráter sexista e misógino associado ao racismo que pretendia segregá-la das demais mulheres e considerá-la inferior com pretensões de um padrão feminino branco e elitizado.

Fatalmente, “quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (EVARISTO, 2016, p.42). Essa negrófobia expelida no corpo de Maria seria o ódio ao negro motivado através de um ou vários comportamentos que são associados ao odiar. É por isso que os americanos substituem a discriminação pelo linchamento. A agressão e a violência são formas de embranquecer a sociedade eliminando as características comportamentais que são associadas à população negra por meio da eliminação física (FANON, 2008, p.61). De modo a provocar “[...] o preto inferiorizado passa da insegurança humilhante à auto-acusação levada até o desespero” (FANON, 2008, p.66). Assim, vinga-se do imago que havia obcecado por tanto tempo e tornava-a apavorada, trêmula, humilhada diante dos violadores brancos (FANON, 2008, p.67).

A literatura de Conceição Evaristo expõe as mazelas que afligem a sociedade brasileira sobremaneira a população negra. Nela destaca-se o racismo e as expansões em torno das relações de gênero, desigualdades, discriminações, violências especialmente em torno da mulher negra. Agora no conto *Quantos Filhos Natalina tem?* expõem os sentimentos, sensibilidades de uma mulher no momento da gravidez, a vergonha e ódio nos períodos de gestação. Nesse contexto, a representação da mulher negra no mundo fictício sobretudo como protagonista pressupõem defini-la em seu lugar de fala, nos seus momentos de atuação e transformação de si mesma e do espaço em que habita (BASÍLIO, 2021, p.39). Apresenta também “[...] a negligência dos governantes, dos políticos e da sociedade em relação à questão do racismo que estrutura as relações sociais” (BASÍLIO, 2021, p.39).

A estratégia escrita da autora propõe problematizar a descolonizar dos corpos imposta pelo racismo e sexismo envolve a denúncia da desigualdade de gênero, produção de saberes a partir das mulheres que vivem esses contextos opressores e conseqüentemente tornou suas obras fictícias ainda mais políticas (BASÍLIO, 2021, p.51). Esse texto literário, mas do que nunca tornaram-se necessário quando se pensar na condição de subalternização e na narrativa das vivências das mulheres negras no silêncio do seu cotidiano, esse sentimento abafado passa a ser rompido nas entrelinhas dos contos de Conceição Evaristo ao ser uma voz irmã, negra e mulher, na insurreição e da revolta de cada dia em busca do pão, mas também na manutenção da vida. Embora, “cabe às

Marias, silenciadas pelos abusos históricos (vítimas da sua condição de mulher de pele preta e pobre), o peso da marginalização, da criminalidade imposta e/ou insinuada, da dúvida da decência e da honestidade” (AZEVEDO; MELO, 2017, p.108). Nessa conjuntura, “[...] Natalina é uma mulher negra, resiliente e corajosa, assim como inúmeras mulheres negras periféricas que enfrentam as normas sociais, resistindo, protestando e lutando para sobreviver” (BASÍLIO, 2021, p.52). Em sua primeira gravidez, Natalina ainda era uma adolescente:

Que a mãe a perdoasse, não batesse nela, não contasse nada para o pai. Que fizesse segredo até o Bilico. Ela não ia querer uma menina que estivesse esperando um filho. Que a mãe ficasse calada. Ela ia dar um jeito naquilo. Natalina sabia de certos chás. Várias vezes vira a mãe beber. Sabia também que às vezes os chás resolviam, outras vezes não. Escutava a mãe comentar com as vizinhas: – Ei, fulana, o troço desceu! E soltava uma gargalhada aliviada de quem conhecia o valor da vida e o valor da morte. Natalina preparou os chás e tomou durante vários dias. Ela ficava em casa cuidando dos irmãos menores. Ia fazer catorze anos. Uma coisa estava lá dentro da barriga dela e ia crescer, crescer até um dia arrebentar no mundo. Não, ela não queria, precisava se ver livre daquilo. A menina estava começando a ficar desesperada. Tomava os chás e não resolvia. Um dia a mãe perguntou-lhe como estava indo tudo. Ela não respondeu. A mãe entendeu a resposta muda da filha. Agora ela mesma é quem ia preparar os chás. Como haveria de criar mais uma criança? O que fazer quando o filho da menina nascesse? Na casa já havia tanta gente! Ela, o marido e sete crianças. E agora teria o filho da filha? Ia tentar mais um pouco de beberagens, se não desse certo, levaria a menina a Sá Praxedes (EVARISTO, 2016, p.44).

A personagem menina-mãe repudiava o nascimento do filho, pois não o desejava, teria sido fruto do namoro com um jovem menino. Sua mãe também temia a crianças recém-nascidas em virtude de enfrentar dificuldades com uma família farta composta por sete filhos, mas um representava um perigo que ela a tempo tentava evitar com os chás para tirar o “troço” quando via que não podia sustentar mais um filho. Agora, o filho da filha também seria visto como uma ser indesejável, precisava-se de uma solução através dos chás ou da Sá Praxedes, uma senhora que às vezes trazia as crianças ao mundo, outras vezes finalizava suas vidas. Ela seria a solução para o dilema, no entanto, Natalina tinha medo ao acreditar que essas pessoinhas sumidas após as mães entrarem na casa da parteira eram seu alimento diário. Para livrá-lo da ameaça: “um dia, junto com outra menina-mulher que também esperava um filho, tomou um trem para mais longe ainda. E respirou aliviada. Sá Praxedes não a pegaria nunca” (EVARISTO, 2016, p.45). A segundo gravidez também foi inesperada, mas igualmente indesejável:

Natalina passou novamente pelo momento de vergonha. Não ia contar para Tonho, mas o rapaz desconfiou. Havia noite que se assentavam no banco da praça e nem conversavam, ela só cochilava. Uma vez vomitou ao sentir cheiro de pipoca. Depois, um dia, no quarto da obra onde ele morava, quando Natalina se pôs nua, o rapaz perguntou docemente sobre aquela barriginha que estava esperando um filho. Que ele conhecia uma tal de Sá Praxedes... Quando acabou

a falação e olhou para Tonho, o moço chorava e ria. Abraçou Natalina e repetia feliz que ia ter um filho. Que formariam uma família. Natalina ganhou preocupação nova. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho. Quando Toinzinho nasceu, ela não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho... Voltou levando consigo o filho que Natalina não quis (EVARISTO, 2016, p.46).

A segunda gestação revelou duas perspectivas, a primeira seria uma mulher-mãe que não deseja o filho e considerava a gravidez um momento de vergonha, medo e frustração. Nesse contexto, tornou-se uma voz feminina contrária à perspectiva da própria sociedade que romantiza a gravidez trazendo-a para o campo do amor maternal e realização pessoal da mulher. Nesse caso abre caminho para a segunda perspectiva, no qual o seu namorado Tonho sente-se frustrado pela rejeição de Natalina a ele e ao filho, pois imaginava que a família seria o objetivo de felicidade de todas as mulheres. No entanto, a menina-mãe sente-se em contradição com essa conjuntura impositiva e opressiva, precisava-se sair dessa situação. Compreende-se que os lugares e os símbolos construídos em torno da maternidade determinada pela hegemonia masculina sobre os corpos das mulheres consolidou no imaginário a visão feminina branda e amorosamente acolhedora dos filhos e familiar, no caso da mulher negra ainda está ligada a Mãe Preta, aquela cativa que era obrigada a amamentar, cuidar e sustentar a prole dos donos brancos (LIMA, 2022, p.14). Na terceira gravidez, Natalina também sentiu-se envergonha dessa vez por si e pelo casal que esperava o seu filho:

A mulher queria um filho e não conseguia. Estava desesperada e envergonhada por isso. Ela e o marido já haviam conservado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão. Elas se pareciam um pouco. Natalina só tinha um tom de pele mais negro. Um filho do marido com Natalina poderia passar com sendo seu. Natalina lembrou-se de Sá Praxedes comendo crianças. Vai ver que a velha, um dia, comeu o filho desta mulher e ela nem sabia. Lembrou da primeira criança que tivera e que nem tinha visto direito, pois fora direto para as mãos-coração da enfermeira que seria a mãe. Lembrou da segunda que ela deixará com o Tonho, pai feliz. Deitaria com o padrão, sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso. Deitaria com ele até a outra se engravidar, até a outra encontrar no fundo de um útero, que não o seu, algum bebê perdido no limiar de um tempo que só a velha Praxedes conhecia. A patroa chorava, mas parecia um pouco mais aliviada. Natalina levantou rápido e foi ao banheiro, na boca uma saliva grossa. Eram os primeiros enjoos que já começavam (EVARISTO, 2016, p.47).

Natalina persuadida pelos apelos do casal de padrões cedeu ao impulso em engravidar mais uma vez, embora fosse apenas para satisfazer o desejo da família rica, pois não ansiava em ter filhos, para ela seria mais um corpo estranho dentro da sua barriga. Nesse contexto, o tratamento imposto a mulher negra e empregada doméstica representados na figura da personagem assemelha a conotação racista e dominação pragmática que impõem os desejos mais absurdos dos

empregadores e sem receber nada por isso, deita-se com o padrão para engravidar e ter um filho que não seria seu, mas um indesejável situação em sua vida maternal sufocante, para seu próprio alívio foi esquecida após o nascimento da criança. Uma gravidez triste e enjoativa, onde “o esforço para vomitar era tão grande que trazia lágrimas aos olhos de Natalina. Ela aproveitou para, silenciosamente, chorar um pouco” (EVARISTO, 2016, p.48).

A narrativa tematiza a maternidade real e o corpo feminino na contramão construída pela concepção ideal de mãe no espaço da narração como sendo um desejo, um projeto feminino, no entanto Natalina teve quatro gestações e a infelicidade permeou esses contextos. Em contrapartida, o pensamento hegemônico não espera que uma gestante sinta vergonha e ódio de uma gravidez, as emoções esperadas são a alegria, gratidão. Conceição Evaristo contesta essa percepção ideológica na perspectiva de que as mulheres também têm direito aos próprios corpos, as decisões em torno do aborto, planejamento familiar, exercício da sexualidade livre, sem o casamento e a autonomia feminina. Embora, o ser mulher branca difere do ser mulher negra, uma vez que a primeira carrega consigo a brancura como estigma de beleza e virtude, que nunca foram “negras”, já a segunda, é descaracterizada em sua humanização (FANON, 2008, p.56). Interpretando o pedido para Natalina ser a progenitora do filho de seus padrões no período em que trabalhava como empregada doméstica à luz desse pensamento a personagem foi coisificada e transformada em objeto de uso de duas figuras brancas. Ela foi despida de seu papel humano, para ser apenas uma “mãe” temporária para um filho que nunca seria seu. Na quarta gravidez foi ainda mais dolorosa, mas também foi feliz pela primeira vez:

Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebentar de dor. A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela. Depois tombou sonolento ao lado. Foi quando, ao consertar o corpo para se afastar dele, ela esbarrou em algo no chão. Pressentiu que era a arma dele. O movimento foi rápido. O tiro certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também. Fugiu. Guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coagem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobria grávida. Estava feliz. O filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma (EVARISTO, 2016, p.50).

Quando a autora Conceição Evaristo propôs em sua construção literária esse duplo sentimento de ódio e feliz sustentando na violência cometida pelo estupro e na gestação de uma criança fruto dessa imposição violenta, o fez a partir da noção de liberdade de uma mulher que fez justiça com suas próprias mãos mesmo após um longo percurso de medo e opressão não somente

fruto do acontecimento recente, mas das violências que a foram ultrajadas primeiro na gravidez indesejada e nas tentativas de aborto com os chãs e o medo da Sá Praxedes, segundo pelo filho e a família que não queria e não desejava tornar-se membros e terceiro pelo tratamento de objeto de procriação que recebeu dos seus patrões rico, o filho desse emprestar do útero foi fruto de uma gravidez que cause a consumiu por completo em dores corporais, náuseas e sentimento de nojo e desgosto. A quarta gravidez apesar da violência sexual, foi um filho só seu e de mais ninguém, não era de Bilico, da Mãe, de Tonho, do casal rico, da Sá Praxedes, ou de mais alguém, era apenas seu, concebido nos limites frágeis da vida e morte, legitimado na força e da vingança (EVARISTO, 2016, p.50). Em sua última gravidez “[...] ela não devia nada a ninguém. Se aquela barriga tinha um preço, ela também tinha tido o seu, e tudo tinha sido feito com uma moeda bem valiosa” (EVARISTO, 2016, p.50).

Os contos presentes na obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo pressupõem não somente narrar trajetórias de dor, morte e sofrimento, mas também em como as personagens protagonistas negras interpretaram essas conjunturas e reformularam a sua atuação para além do protótipo composto pela submissão, silenciamento e violência, tornaram-se pontos de partida para reformular a participação feminina na literatura a partir da revolta, da reflexão e da reformulação desses contextos sob os olhares da autonomia e do questionamento das situações e tratamentos vistos como padrões, naturais e tradicionais. Elas pretendem romper com a barreira da opressão sendo porta voz da denúncia e da contestação das condições contemporâneas permeadas pela desigualdade, violência e desumanização em que vivem e sobrevivem as mulheres negras no subúrbio brasileiro. Uma das formas de exercitar a autonomia é possuir um discurso sobre si mesma, especialmente no conhecimento concreto da realidade. No caso da mulher negra, a discussão intercepta à experiência de ser negra em uma sociedade branca de classes e ideologias dominantes brancas em termos estéticos e comportamentais expelidos nas exigências e expectativas brancas, esse olhar se detém particularmente em torno do emocional e na vivência (SOUZA, 2021, p.45).

Aparado no discurso da resignificação, luta e resistência, Conceição Evaristo traça suas perspectivas literárias vistas sob a ótica do feminino negro nas periferias, no privado do lares permeado pela fome, medo, raiva, mas também pela resignificação aparada na amorosidade maternal e no sentimento de sobrevivência daquelas que saem diariamente do casulo dos lares para enfrentar a rotina sufocante, o preconceito, a violentação da sua privacidade e o atentado a sua própria condição de humanidade. Suas personagens simbolizam não somente um contexto feito ficticiamente, mas também amparam-se na realidade, esta mesma transmutada em dados estatísticos que denunciam a misoginia, a mortalidade femininas fruto da violência, as crianças

pobres e periféricas nos grandes ou pequenos centros do subúrbio brasileiro. São mulheres anônimas, embora invisíveis.

As narrativas que compõem a obra *Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo são marcadas pela desigualdade, sobretudo pela indiferença perante a trajetória do povo africano e afro-brasileiro na sociedade. Os contos são claros exemplos dessa marginalização e exclusão social até mesmo no que discerne as discussões em torno da questão restritas em sua maioria aos âmbitos acadêmicos, com poucos reflexos e reflexões na própria estrutura racial brasileira (SOUZA, 2020, p.141). O racismo é sempre estrutural, isto é, ele é um elemento integrador na organização econômica e política da sociedade. Este também fornece o sentido, a lógica da reprodução das diversas formas de desigualdade e violência que moldam a vida social. Que se manifesta no interior social marcada pelos conflitos e antagonismos, pois assume-se enquanto processo político e histórico (ALMEIDA, 2019, p.28).

Trata-se de uma forma sistemática de discriminação que possui a raça como fundamento, e manifesta-se por meio de práticas conscientes ou inconscientes que propaga-se em desvantagens ou privilégios para determinados indivíduos, a depender do grupo racial ao qual esteja inserido. Não se trata unicamente de um ato discriminatório ou mesmo um conjunto de atos, mas um processo em que condições de subalternidade e privilégio se reproduzem nos âmbitos políticos, econômicos e nas relações cotidianas. O racismo individual seria como o próprio nome sugere pertencente ao campo particular ou coletivo atribuído a grupos isolados, já a concepção racista institucional ampara-se no funcionamento das instituições que moldam o comportamento humano no sentido das decisões, cálculos racionais, sentimentos e preferências, no racismo estrutural as instituições são racistas porque a sociedade é racista, isto é, parte de uma ordem social, não é criado pelas instituições, mas reproduzido por estas. A raça define a vida e a morte, sobretudo nas mazelas do mundo contemporâneo (ALMEIDA, 2019, p.26).

Mediante a exploração e exposição dos corpos das mulheres afro-brasileiras nos contos, assim como suas vivências particulares passaram a serem descritas não como parte de uma literatura de denúncia, mas politicamente emancipadora ao retratar essas mesmas personagens protagonistas femininas ressignificando a sua atuação como sujeito político perante as mazelas que atingem seu dia a dia e que são sentidos apenas por elas. Pode ser percebido que não há a existência de melhorias em termos de acesso a qualidade de vida a partir de políticas públicas no campo da educação, infraestrutura habitacional, saneamento, entre outros, que atinja a liberdade individual, mas justamente o contrário na medida em que são mulheres fictícias e reais que vem suas histórias e flagelos sendo transmitidos de uma geração a outra presente nas protagonistas, mas também retratos dos problemas reais que atingem as periferias contemporâneas. Por conseguinte, os textos

dissecam de forma nua e crua “[...] as dificuldades que fazem parte da vida de muitas mulheres que têm que conviver com as dramas marcados pela inferioridade, a dominação masculina, o opressão, a repressão e entre outras formas que, de certo modo ‘diminuem’ a figura feminina no espaço em que estão inseridas” (SOUZA, 2020, p.145).

O silêncio é rompido com a denúncia transgressora e implícita nas entrelinhas das narrativas empreendidas pelas protagonistas femininas nos contos de Conceição Evaristo. Tratando-se mais ainda de uma exposição das nuances que permeiam a realidade palpável de marginalização, opressão e exclusão sofridas pelas pessoas especialmente as mulheres que vivem nos âmbitos periféricos das grandes e pequenas cidades brasileiras. São mulheres com nome e não apenas estatísticas divulgadas nas mídias e nos jornais televisivos, trata-se de pessoas reais que foram vistas e expostas nas narrativas literárias do livro *Olhos d'Água*. São pessoas como Maria, Duzu, Ana Davenga, Natalina, entre outras, que personificaram o feminino negro nos contextos de marginalização a partir da denúncia, mas também ressignificação, construção identitária da sua performance enquanto mulher negra, autonomia e revolta. Logo congregam em torno de si os “pedaços da alma, pesadelos, vergonha, raiva, sensação de impotência, desespero, esperança, solidariedade são emoções que comunicam, no discurso, mais que palavras e pensamentos racionais” (WOLFF, 2015, p.986-987).

Considerações finais

A Literatura como meio de atuação política congrega no âmbito da representatividade feminina o papel de revolta, denúncia e intransigência desenvolvido a partir dos contextos e performances identitárias assinaladas pelas mulheres em seus enredos. Trazendo à tona sob a ótica do lugar de fala as significâncias, representações e mobilizações dos grupos sociais femininos. Logo, não se trata de um campo neutro e nem tão pouco alienado, mas constitui-se inquieto pelas perturbações de seu tempo, dos problemas do (a) autor (a), das aspirações, medos, frustrações e opressores carregados pelas suas personagens nos âmbitos de atuação.

No contexto, os contos presentes na obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo traz consigo as imagens construídas em torno das mulheres negras nas periferias das cidades. No entanto, rompem com paradigmas e preconceitos segregados ao público feminino o considerando inferior, promíscuo e corruptível, pois abordou através dos olhares sensíveis e subjetivos as nuances dos porquês que envolvem o contexto de opressão e marginalização, as violências sofridas, o medo, a raiva, a felicidade constituem-se parte do leque de experiências e sentimentos exprimidos em torno do que é ser uma mulher negra na sociedade brasileiras, quais preconceitos ainda estão associados,

os dilemas da sua vida cotidiana e as ressignificações construídas para sobrepuja ou revoltar-se contra as imposições e opressões.

Portanto, as mulheres representadas nos contos presentes no livro *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo foram expressões ficcionais envolvidas com o opressão, a violência, a sensação de impunidade e a desigualdade impostas ao público feminino nos âmbitos das periferias brasileiras, mas também tornaram-se vozes de denúncia e representativa feminina no contexto de exploração, exclusão e revolta, foram corpos e mentes mutilados pela perversão racial ao problematizar e ressignificar os seus contextos opressores. Logo, “ao colocar os olhos como a principal marca simbólica do sofrimento, a escritora mostra o real como fonte de construção para o ficcional” (SOUSA, 2020, p.144).

Referências bibliográficas:

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.
- AZEVEDO, Natanael Duarte; MELO, Iran Ferreira de. A Construção do Feminismo em “Olhos D’Água”, de Conceição Evaristo: uma análise de Performances Pós-Identitárias do Gênero. *Línguas & Letras*, v.18, n.40, 12 dez. 2017, p.101-111. Disponível em:< <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/17144>>. Acessado em: 05 dez. 2023.
- BASÍLIO, Esdra. Olhos D’Água de Conceição Evaristo e o Feminismo Decolonial. *Revista Discente Ofício de Clio*, v.6, n.11, jul./dez. 2021, p.37-56. Disponível em:< <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/CLIO/article/view/22138>>. Acessado em: 11 jan. 2023.
- CASTRO, Giovana de Carvalho. E eu (ainda) não sou uma mulher? Gênero, interseccionalidade e silêncio racial. *Revista Em Pauta*, Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n.47, v.19, 2021, p.170-183. Disponível em:< <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/56086>>. Acessado em: 05 jan. 2023.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre a Negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. 120 p. (Coleção Vozes da Diáspora Negra, v.3). Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5663271/mod_resource/content/1/%5BAULA%20%5D%20Cesaire_Discurso%20sobre%20a%20negritude.pdf>. Acessado em: 14 fev. 2023.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*, set. 2005a, p.52-57. Disponível em:< <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>>. Acessado em: 05 jan. 2023.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *Z Cultural - Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, agost. /2005b, p.1-3. Disponível em: < <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>>. Acessado em: 06 jan. 2023.
- EVARISTO, Conceição. *Olho D’Água*. 1.ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116 p.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira, Salvador (BA): EDUFBA, 2008. 194 p. Disponível em:< <https://www.geledes.org.br/wp->

content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_branças.pdf>. Acessado em: 14 fev. 2023.

GONZALEZ, Lélia; HANSENBALG, Carlos. *Lugar do negro*. v.3, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. 115 p. (Coleção 2 pontos). Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/lc3a9lia-gonzales-carlos-hansenbalg-lugar-de-negro1.pdf>>. Acessado em: 11 jan. 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p.223-244. Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20-%20-%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf>. Acessado em: 14 fev. 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação* – episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira, Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p. Disponível em:<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf>. Acessado em: 05 jan. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas*. Colección Sur Sur, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, set. 2005. p.107-130. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf>. Acessado em; 08 jan. 2023.

LIMA, Alyne Barbosa. *Olhos D'Água, de Conceição Evaristo: memória e ancestralidade para agência do feminino negro*. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Uberlândia, Pós-Graduação em Estudos Literários, Uberlândia, 2022. 128 p. Disponível em:<<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34088/3/OlhosD%C3%A1guaConcei%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acessado em: 10 jan. 2023.

MELO, Henrique Furtado de; GODOY, Maria Carolina de. Escrivência e produção de subjetividades: reflexões em torno de “Olhos D’Água”, de Conceição Evaristo. *Signótica*, Goiânia, v.28, n.1, jan./jun. 2016, p.23-42. Disponível em:<<https://revistas.ufg.br/sig/article/view/38912/24726>>. Acessado em: 05 jan. 2023.

PALMEIRA, Francineide Santos. Escritoras negras e representações de insurgência. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos*. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos, Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010, p.1-13. Disponível em:<http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278265153_ARQUIVO_FrancineidePalmeiraFG9.pdf>. Acessado em: 07 jan. 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2021. 112 p. (Feminismos Plurais/coordenação de Djamila Ribeiro).

SOUZA, Rodrigo Nunes de. Olhos d’Água e as insubmissas lágrimas de Conceição Evaristo: marcas de violência em contos afro-brasileiros. *Frontería*, Foz do Iguaçu, v.1, n.1, agost. /dez. 2020, p.140-163. Disponível em: <[https://revistas.unila.edu.br/litcomparada/article/view/1991#:~:text=Esse%20artigo%20destaca%20como%20a,2014\)%20e%20Insubmissas%20l%C3%A1grimas%20de](https://revistas.unila.edu.br/litcomparada/article/view/1991#:~:text=Esse%20artigo%20destaca%20como%20a,2014)%20e%20Insubmissas%20l%C3%A1grimas%20de)>. Acessado em: 06 jan. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 171 p.

WOLFF, Cristina Scheibe. Pedacos de alma: emoções e gênero nos discursos da resistência. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.23, n.3, set./dez. 2015, p.975-989. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/ref/a/Zpx7zFsc8cdWv7K68bC5bJf/abstract/?lang=pt>>. Acessado em: 06 jan. 2023.

Recebido em: 17.01.2023

Aprovado em: 25.02.2023